

9. A inveja e a vanglória

O Papa Francisco continua o ciclo de catequese falando da inveja e da vanglória, dois pecados capitais “que encontramos nas grandes listas que a tradição espiritual nos deixou”.

28/02/2024

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje vamos analisar dois vícios capitais que encontramos nos grandes elencos que a tradição

espiritual nos deixou: a *inveja* e a *vanglória*.

Comecemos pela *inveja*. Se lermos a Sagrada Escritura (cf. *Gn 4*), ela apresenta-se-nos como um dos vícios mais antigos: o ódio de Caim em relação a Abel desencadeia-se quando ele se dá conta de que os sacrifícios do seu irmão são agradáveis a Deus. Caim era o primogênito de Adão e Eva, tinha recebido a parte mais importante da herança do pai; no entanto, é suficiente que Abel, o irmão mais novo, alcance um pequeno sucesso, para que Caim se indigne. O rosto do invejoso é sempre triste: o olhar é cabisbaixo, parece que perscruta continuamente o terreno, mas na realidade não vê nada, porque a mente está mergulhada em pensamentos cheios de maldade. A inveja, se não for controlada, leva ao ódio pelo outro. Abel será morto pelas mãos de Caim, que não era

capaz de suportar a felicidade do irmão.

A inveja é um mal investigado não apenas no âmbito cristão: chamou a atenção de filósofos e sábios de todas as culturas. Na sua base existe uma relação de ódio e de amor: quer-se o mal do outro, mas secretamente deseja-se ser como ele. O outro é a epifania daquilo que gostaríamos de ser e que, na realidade, não somos. A sua sorte parece-nos uma injustiça: certamente - pensamos - teríamos merecido muito mais os seus sucessos ou a sua boa sorte!

Na raiz deste vício há uma falsa ideia de Deus: não aceitamos que Deus tenha a sua “matemática”, diferente da nossa. Por exemplo, na parábola de Jesus sobre os trabalhadores chamados pelo patrão para ir à vinha em diferentes horas do dia, os da primeira hora julgam ter direito a um salário mais elevado do que

aqueles que chegaram por último; mas o patrão dá a todos o mesmo salário, dizendo: "Não posso fazer das minhas coisas o que quero? *Ou tendes inveja porque sou bom?*" (Mt 20,15). Gostaríamos de impor a Deus a nossa lógica egoísta, mas a lógica de Deus é o amor. Os bens que Ele nos concede devem ser compartilhados. Por isso, São Paulo exorta os cristãos: "Amai-vos uns aos outros com afeto fraterno, concorrendo na estima recíproca" (Rm 12,10). Eis o remédio para a inveja!

E vejamos o segundo vício que hoje examinamos: a *vanglória*. Ela anda de mãos dadas com o demônio da inveja e, juntos, estes dois vícios são caraterísticos de uma pessoa que aspira a ser o centro do mundo, livre de explorar tudo e todos, objeto de todo o louvor e amor. A vanglória é uma autoestima inflada e sem fundamento. O orgulhoso possui um

“eu” despropositado: não tem empatia e não se dá conta de que há outras pessoas no mundo para além dele. As suas relações são sempre instrumentais, determinadas pelo predomínio sobre o outro. A sua pessoa, as suas conquistas, os seus sucessos devem ser exibidos a todos: é um perene mendigo de atenção. E se, às vezes, as suas qualidades não são reconhecidas, então zanga-se ferozmente. Os outros são injustos, não compreendem, não estão à altura. Nos seus escritos, Evágrio Pôntico descreve a amarga vicissitude de alguns monges acometidos pela vanglória. Acontece que, após os primeiros êxitos na vida espiritual, ele sente que já está realizado e então precipita-se no mundo para receber os seus elogios. Mas não compreende que está apenas no início do caminho espiritual, e que a tentação está à espreita e não tardará a abatê-lo.

Para curar o vaidoso, os mestres espirituais não sugerem muitos remédios. Porque, afinal de contas, o mal da vaidade tem o seu remédio em si mesmo: os elogios que o vaidoso esperava receber do mundo depressa se voltarão contra ele. E quantas pessoas, iludidas por uma falsa imagem de si próprias, caíram depois em pecados de que rapidamente se envergonhariam!

A melhor instrução para vencer a vanglória encontra-se no testemunho de São Paulo. O Apóstolo sempre se confrontou com um defeito que nunca conseguiu superar. Por três vezes, pediu ao Senhor que o libertasse desse suplício, mas no fim Jesus respondeu-lhe: "Basta-te a minha graça, porque a força se manifesta plenamente na fraqueza". A partir daquele dia, Paulo foi libertado. E a sua conclusão deveria tornar-se também a nossa: "Por isso, é de bom grado que me orgulharei

das minhas fraquezas, para que o poder de Cristo permaneça em mim" (2 *Cor* 12, 9).

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://dev.opusdei.org/pt-br/article/9-a-inveja-e-a-vangloria/> (09/08/2025)